

THE PORTUGUESE TEXTILE INDUSTRY

While domestic textile production has existed in Portugal since immemorial times, the Portuguese textile industry more broadly has been bound up in each successive paradigm shift to have emerged in the Western world: from the textile societies dating from the birth of the nation in the 12th century to the 17th century; to the manufacturing and mercantile paradigms of the 17th and 18th centuries; to the three industrial revolutions dating from the second quarter of the 19th century to the late 20th century, with their technological and scientific innovations; to the age of globalisation, the fourth revolution, dating from the late 20th century to the present day, which has brought together all spheres of knowledge and practice and seen the development of smart fabrics. State intervention in the textile manufacturing process was always important, with regulations withdrawing so-called “false fabrics” from the market and in the process condemning or privileging certain artisans, regimenting production in order to guarantee quality, establishing large production units such as the Royal Factories and through awarding commissions, imposing tariffs and establishing standards of safety, hygiene and industrial relations and working conditions. There is no other industry more human, more propitious to metaphor or blessed with a richer imaginary than the textile industry, and numerous artists and writers have used the production methods and vocabulary of textiles as a vehicle of vibrant expression. The spinner and the weaver, the tapestry maker and the dyer, the model and the fabric designer have all inspired famous paintings in the Western world, including works by Portuguese artists who followed in the footsteps of Velázquez and reproduced several mythical figures of Classical Antiquity, such as Athena, inventor of the spinning wheel, and Arachne, the young woman whose weaving was so skilful as to arouse the envy of the goddess. Both have come to symbolise aspects of the textile industry: the skill and knowledge required; the beauty and comfort of the human being; the challenge and commitment to the task; the present and the future.

The Portuguese territory is host to some excellent quality natural fibres of plant-based origin, such as linen, and others of animal-based production, such as silk and wool. Linen and wool are produced across the country, while silk was only produced in certain areas, including the centre of Lisbon and, curiously, the country's northern interior. On the other hand, fabrics made from the plant that gave rise to the industrial revolution, cotton, came originally from the lands of the discoveries, sometimes already stamped. Nonetheless, from the 18th century onwards cotton gained a central position in the Portuguese economy, particularly in the Ave River valley. The entire linen making process, from sowing to bleaching the woven cloth, has left an indelible mark on Portuguese culture, with Galician and Moorish linen showing a country with two faces. Wool is also derived from two main breeds of sheep, the churra in the north, and the merino in the south around Serra da Estrela. The city of Bragança is closely associated in Portugal with silk, just as the city of Covilhã has long been associated with wool. The Ave River is sometimes called the “Rio do Algodão” [River of Cotton], as it was in its basin that the main cotton fabric producers were historically established and continue as part of the economic fabric to this day. While the city of Porto was always industrially active, everything could be found in Lisbon, like the first great Atlantic warehouse for the many exquisite goods coming from the old Eastern Mediterranean, the mainspring of western civilization.

Renaissance modernity brought classical culture with it, affirming the dignity of man and paving the way for the declarations of rights from the 15th to the 18th centuries. In this period, textile production was closely regimented, which served to improve production quality and expand the market. The following centuries saw the expansion firstly of technique and then of science, corresponding to the first and second so-called industrial revolutions. While the country did not undergo a revolution in its agriculture, it did notably industrialise its textile and clothing industries. Portugal is now making strides towards the development of smart fabrics and will be at the forefront of the global evolution of fabrics which combine natural, artificial and synthetic fibres, incorporating both art and science, in a vast and growing range of products.

António dos Santos Pereira
Professor at the University of Beira Interior
Director of the Wool Museum
Member of the Portuguese Academy of History

2017

Sobrescritos de 1.º dia / FDC
C6 - €0,56
C5 - €0,75

Pagela / brochure
€0,85

Oblições do 1.º dia em
First day obliterations in

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOA

Loja CTT Município
Praça General Humberto Delgado
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to
FILATELIA
Av. D. João II, n.º13, 10º
1999-001 LISBOA

Coleccionadores / collectors
filatelia@ctt.pt
www.ctt.pt
www.facebook.com/Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.
Slightly differences may occur in the final product.

Design: MADactivities
Impressão / printing: Futuro, Lda.

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / Issue
2017 / 06 / 17

Selos / stamps
C0,50 - 125 000
C0,63 - 100 000
C0,80 - 125 000
C0,85 - 105 000

Bloco / souvenir sheet
Com um selo / with 1 stamp
C2,00 - 55 000

Design - Atelier Pendão & Prior / Fernando Pendão

Créditos/credits
Selos/stamps
C0,50

Lã, foto/photo: Depositphotos/Fotobanco;
Painéis de parede, revestimento em burel; design: Burel
Mountain Originals; foto/photo: Rupert/Burel Factory;
Fábrica de Lanifícios, Portugal; foto/photo: Estúdio
Mário Novalis/Biblioteca de Arte/Fundação Calouste
Gulbenkian;
Pastor a tocar flauta, óleo sobre cobre, Leonel Marques
Pereira, séc. XIX, Museu Nacional Soares dos Reis;
foto/photo: José Pessoa/DGPC/ADF

C0,63
Flor de linho; foto/photo: Depositphotos/Fotobanco
Lenço dos namorados em linho, Museu de Arte Popular;
foto/photo: Luísa Oliveira/DGPC/ADF;
Fábrica Sampedro, flação, décadas de 1920/30;
foto/photo: coleção Sampedro;
As Fiandeiras, óleo sobre madeira de Artur Alves
Cardoso, 1915, Museu de José Malhoa; foto/photo:
Paulo Costa/DGPC/ADF

C0,80
Casulo de seda; foto/photo: Depositphotos/Fotobanco
Lenço em seda de damasco com brocado, Trás-os-Montes,
séc. XX, Museu de Arte Popular; foto/photo: Paulo Cintra
e Laura Castro Caldas/DGPC/ADF;
Camponesas escolhendo a semente na estação de seri-
-cultura de Mirandela, *Ilustração Portuguesa*, 1 de agosto
de 1940; foto/photo: Hemeroteca Municipal de Lisboa;
Bordado com fios de seda de várias cores e fio metálico
laminado dourado e outros elementos, séc. XIX (1869),
Museu Nacional de Soares dos Reis; foto/photo: José
Pessoa/DGPC/ADF

C0,85
Fibra de carbono; fábrica da Fisipe; foto/photo: Fisipe;
Imagem a três dimensões da textura de fibra de carbono;
foto/photo: Alamy/Fotobanco;

Bloco/souvenir sheet
Selo/stamp

Flor de algodão; foto/photo: Depositphotos/Fotobanco;
Colcha de chita estampada de Alcobaça; coleção
particular;
Indústria Têxtil algodoeira, operárias na flação, décadas
de 1920/30; coleção de fotografia da Muralha; foto/
photo: Domingos Alves Machado/Associação Muralha
de Guimarães
Rótulo da Empresa Têxtil de Caneiros, Guimarães; foto/
photo: coleção de Maurício Pinto/Arquivo Ephemera
Fundo/background
Fotos/photos: Depositphotos/Fotobanco

Capa da pagela/brochure cover

Produção de burel em tear de pinça dos anos 70;
foto/photo: Ecolã
Interior/inside
Manta 100% lã acabada de sair do tear; foto/photo: Ecolã

Tradução/translation
Kennis Translations

Agradecimentos/acknowledgments

Arquivo Ephemera
Associação Muralha de Guimarães
Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian
Burel Factory
Centro Português de Fotografia
Direção-Geral do Património Cultural
Ecolã
Fisipe
Junta de Freguesia de Estreito - Vilar Barroco
Maria Augusta Trindade
Museu da Aquarela Roque Gameiro
Sampedro

Papel / paper - FSC 110 g/m2

Formato / size
Selos / stamps: 80 x 30,6 mm
Bloco / souvenir sheet: 125 x 95 mm

Picotagem / perforation
Cruz de Cristo / Cross of Christ 13 x 13

Impressão / printing - offset
Impressor / printer - Cartor

Folhas / sheets - Com 25 ex. / with 25 copies



indústria têxtil portuguesa

A indústria têxtil portuguesa tem um passado permanente de dimensão doméstica, concretizando porém, sucessivamente, todos os paradigmas que emergiram no mundo ocidental: o oficial e corporativo, desde os alvares da nação, do século XII ao XVII; o manufatureiro e mercantil, nos séculos XVII e XVIII; o industrial, desde o segundo quartel do século XIX ao último do século XX, nas três ditas revoluções, com inovações tecnológicas e científicas; o global, desde os finais do século XX até aos dias de hoje, em que se integra na quarta revolução, congregando todas as esferas do saber e do fazer e anunciando os tecidos inteligentes. Na forma manufatureira, foi importante a intervenção do Estado, mas este sempre regulou a atividade do setor retirando do mercado os ditos panos falsos, condenando ou privilegiando artífices e regimentando a produção no sentido de garantir a qualidade e o trabalho em algumas grandes unidades, como as fábricas reais, através de encomendas ou impondo pautas alfandegárias, normas de segurança, higiene e relações de trabalho, condicionamentos e apoios.

Não há outra indústria mais humana e propícia à metaforização do que a têxtil, nem com imaginário mais rico. Inúmeros artistas e literatos utilizaram os procedimentos e vocabulário têxtil como veículos das ideias mais vibrantes. A fiandeira e o tece-lão, a tapeteira e o tintureiro, a modelo e o debuxador inspiraram quadros célebres no mundo ocidental. Alguns artistas portugueses não desmereceram, seguiram os passos de Velásquez e reproduziram outras tantas figuras míticas da Civilização Clássica: Atena, a inventora da roca; Aracne, a jovem que tecia tão bem que despertou a inveja daquela deusa. Atualmente, uma e outra simbolizam todas as potencialidades da indústria têxtil: o entendimento e o saber fazer; a beleza e o conforto do ser humano; o desafio e o compromisso; o presente e o futuro.

O território português dispõe de algumas fibras naturais de excelente qualidade de origem vegetal, como o linho, e de produção animal, como a seda e a lã. O linho e a lã são noticiados em quase todos os forais; a seda, em lugares onde a sua cultura se instalou, curiosamente no Norte Interior do país e no centro de Lisboa.

Os tecidos da fibra que deu azo à revolução industrial, o algodão, vieram das terras que os seus navegadores descobriram, alguns já estampados. Porém, desde o século XVIII, estes têm ganho relevo ímpar na economia portuguesa particularmente no vale do Ave. As tarefas da preparação do linho, desde a sementeira ao branqueamento do pano tecido, marcaram a cultura lusa de uma forma indelével. O linho galego e o linho mourisco mostram um país com duas faces. Também a lã provem de duas raças principais de ovinos, a churra, a norte, e a merina, a sul, da serra da Estrela. Há em Portugal uma cidade da seda, que identificamos com Bragança; e uma cidade da lã, há muito rotulada, como a Covilhã. Apelidamos o Ave, rio do Algodão, pois foi na sua bacia que se estabeleceram os principais empreendimentos de produção de tecidos desta fibra onde hoje, além de história, se faz economia. A cidade do Porto foi sempre industriosa e Lisboa sempre teve tudo, como o primeiro grande entreposto atlântico das muitas, excelentes e belíssimas mercadorias vindas do antigo Mediterrâneo Oriental, onde a civilização ocidental desabrochou.

A modernidade do Renascimento trouxe a cultura clássica e afirmou a dignidade do homem, abrindo a página das declarações de direitos desde o século XV ao XVIII. Nesse período, o trabalho têxtil foi regimentado e a esfera produtiva ganhou qualidade e expandiu mercado. Os séculos seguintes são de expansão da técnica, numa primeira fase, e da ciência, numa segunda, correspondentes à primeira e à segunda ditas revoluções industriais. O país não soube fazer uma revolução agrícola, todavia industrializou-se em particular na fileira têxtil e do vestuário. Portugal caminha hoje a passos largos para os tecidos inteligentes e colocar-se-á na primeira linha do futuro em termos planetários conjugando todas as fibras, as naturais, as artificiais e as sintéticas, com a incorporação de arte e ciência, em um leque cada vez mais diversificado de produtos.

António dos Santos Pereira
Professor Catedrático na Universidade da Beira Interior
Diretor do Museu de Lanifícios
Membro da Academia Portuguesa da História

